



1290003001



FE

TCC/UNICAMP M522c

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação

Solange Maria de Lourdes Mendes

**A criança e a televisão:
possíveis influências no
comportamento da criança**

Campinas

2006

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

200619517

Solange Maria de Lourdes Mendes

**A criança e a televisão:
possíveis influências no
comportamento da criança**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
como exigência parcial à Faculdade de
Educação da UNICAMP para obtenção da
Graduação em Pedagogia sob orientação do
Profº Dr. Sérgio Ferreira do Amaral.

Campinas

2006

UNIDADE	FE
Nº CHAMADA:	TCC/UNICAMP
	M522c
	3001
	123/06
	11,00
DATA	31/08/06
Nº CPD	386347

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

M522c Mendes, Solange Maria de Lourdes.
A criança e a televisão : possíveis influencias no comportamento da
criança / Solange Maria de Lourdes Mendes. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientadores : Sérgio Ferreira do Amaral.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Crianças. 2. Televisão na educação. 3. Violência na televisão. 4.
Comportamento. I. Amaral, Sérgio Ferreira do. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-301-BFE

**Dedico este trabalho a todos que participaram
e contribuíram na sua execução e em especial
ao Murilo e ao meu irmão Agenor.**

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao Prof^o Dr. Sérgio Amaral pela orientação, atenção e oportunidade de aprofundar meus conhecimentos no tema que considero muito relevante no exercício da minha prática.

Também gostaria de agradecer ao 2º leitor, David Bianchini que contribuiu muito para melhoria do meu trabalho.

Aos professores da Faculdade de Educação, muito obrigada pelos conhecimentos compartilhados durante esses anos.

Aos funcionários da Faculdade de Educação, muito obrigada pelo o apoio e as palavras amigas.

Ao Murilo, meu companheiro pela ajuda, carinho, e compreensão mesmo nas horas difíceis.

Às crianças da escola que atuo, pela contribuição que deram, oportunizando este trabalho.

A todas as crianças das escolas que atuei por terem contribuído para a conclusão deste trabalho.

A todos que direta ou indiretamente me ajudaram na conclusão deste trabalho.

Em memória ao meu irmão Agenor pelos ensinamentos quando em vida.

Em memória ao Prof^o Enéas pelo carinho.

À Deus que me ajudou a superar todos os momentos difíceis da minha vida.

RESUMO

Este trabalho aborda a necessidade de refletir sobre as possíveis influências da televisão no comportamento das crianças e jovens.

Considerando que o fenômeno acelerado do desenvolvimento dos meios de comunicação e sendo a televisão o mais influente, ela tem sido objeto de estudo por estudiosos, especialmente em relação à influência sobre o comportamento das pessoas.

Partindo do contexto escolar, onde cenas de violência apresentadas dentro da escola através das brincadeiras das crianças que na maioria das vezes, acabam em brigas, este trabalho apresenta estudos de pesquisadores que procuraram verificar a relação entre a violência exibida na programação da televisão e o aumento da agressividade nas crianças.

Também foi realizado, através de estudo sobre o uso da televisão pela criança, junto a uma turma de 4ª série, com alunos entre 9 e 12 anos, objetivando saber como acontece a relação da criança com a televisão.

Através desses estudos, foi possível perceber a relevância de educar com e para a televisão, tratando a televisão como objeto de estudo e análise, visando formar indivíduos críticos e reflexivos diante das programações apresentadas pela mesma.

Através deste estudo foi possível perceber a relevância de educar com e para a televisão, tratando a televisão como objeto de estudo e análise, objetivando formar indivíduos críticos e reflexivos diante das programações apresentadas pela mesma.

SUMÁRIO

Introdução	07
-------------------------	----

Capítulo I – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 A mídia	12
1.2 A família e a televisão	13
↘ 1.3 A escola e a televisão	14
1.4 Os órgãos públicos e a televisão	17

Capítulo II – A RELAÇÃO ESCOLA/TELEVISÃO

2.1. A televisão e o fracasso escolar	22
2.2. A violência e a possível influência da televisão	23
2.3. A linguagem da escola e da televisão	26
↘ 2.4. Televisão comercial e televisão educativa	29

Capítulo III – DELINEAMENTO DA PESQUISA

3.1. Definindo o tema	30
3.2. Escolha da escola e turma	32
3.3. Característica da escola	33
3.4. Característica da turma	34

Capítulo IV – RELAÇÃO CRIANÇA/TELEVISÃO

↘ 4.1. Posicionamento das crianças com relação à televisão	36
4.2. Levantamento das fitas de vídeo	39
4.3. Escolha das fitas	41
4.4. Mania do momento – Novela Rebelde	45
4.5. Primeiro filme: O Pequeno Stuart Little	50
4.6. Segundo filme: Beethoven (O desenho)	52

Capítulo V – CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
--	----

Referências Bibliográficas	57
----------------------------------	----

Anexo: Questionário	59
---------------------------	----

INTRODUÇÃO

Através do desenvolvimento dos meios de comunicação, nosso planeta tornou-se uma aldeia global, onde o que acontece em qualquer lugar e a qualquer hora, circula com muita rapidez, ou até instantaneamente por todo o mundo.

Entre os meios de comunicação, a televisão é o mais influente, por isso, ela tem sido objeto de estudo especialmente em relação a influencia sobre a criança e jovem.

O tema a possível influência da televisão na formação das crianças e jovens que será abordado para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp, apesar de atual, não é novo.

O tema é atual, pois muito se tem discutido a respeito da influência da mídia, dos meios de comunicação de massa, em especial da televisão na formação da criança e do adolescente.

As discussões partem de vários segmentos da sociedade como das instituições e dos profissionais ligados a educação direta ou indiretamente.

As instituições que estão discutindo as conseqüências da televisão na vida da criança começam com a própria família que tem se preocupado com a quantidade do tempo gasto pelos filhos diante da televisão e com a qualidade das programações direcionadas a eles, e se estende às instituições públicas municipais, estaduais e federais como: Secretaria de educação, Conselho Tutelar, Juizado de Menor e chega ao Ministério da Educação e Cultura.

Todas essas instituições e os profissionais que apesar de não pertencerem à área da educação, mas que atuam diretamente com crianças que apresentam alguns distúrbios seja cognitivo, psicológico ou social, muitas vezes relacionam o mau desempenho ou o problema apresentado pela criança à qualidade das programações e a quantidade de horas na frente da TV.

O tema não é novo, é muito discutido no Brasil e no mundo. A família, a escola e diversas outras instituições, além de estudiosos e pesquisadores, vêm debatendo, pesquisando e realizando estudos principalmente com relação às conseqüências da televisão na formação das crianças e jovens.

Esses debates têm sido em torno do tempo que as crianças passam assistindo televisão, da qualidade das programações que são direcionadas à criança ou que são apresentadas em horário que elas têm acesso a tevê e das possíveis influências negativas na sua formação.

Com isso, surge a maior preocupação da família, da escola e instituições públicas que estão ligadas à educação das crianças direta ou indiretamente, o fato dos meios de comunicações de massa, em especial a televisão, estar veiculando grande número de filmes e propagandas com cenas de violência e que essas cenas estão gerando possíveis violência entre crianças e jovens.

A partir daí, muitas teorias e concepções foram desenvolvidas e divulgadas. Entre elas, a que a televisão estava causando danos na formação das crianças, levando muitas famílias a limitar ou até proibir o tempo e programas que os filhos assistem na televisão, e a escola que havia começado a usar a televisão como instrumento para favorecer a aprendizagem, passou a restringir seu uso para entretenimento com fitas de vídeo.

Mas junto com essa concepção, veio uma outra, que alguns estudiosos defendem, a de que é necessário educar para a televisão, ou seja, que ao invés de limitar ou proibir, o melhor seria educar a criança para assistir televisão, onde se desenvolveria uma educação crítica para a programação televisiva.

A princípio, quase todas estão conectadas com a televisão e o vídeo. Mas será que isso é suficiente para dizermos que a escola está integrada com a televisão, ou que, a televisão pode auxiliar a educação escolar.

Diante disso, devemos questionar qual é o papel da televisão na educação e na formação das crianças e jovens.

1. Afinal, a televisão contribui ou não na formação educacional da criança?
2. Estar à televisão contribuindo para aumentar a violência entre as crianças e jovens?
3. Como a escola está tratando o assunto?

Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise das possíveis influências que a televisão causa na formação das crianças, e se as influências estão tornando-as mais agressivas. Partindo do princípio que todas são telespectadoras e a televisão faz parte do dia-a-dia das crianças e, como a televisão tem transmitido muitas cenas de violência, iremos verificar a possível influência dessas cenas televisivas.

Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o tema, que desse um maior e melhor aprofundamento teórico sobre o assunto em questão.

Na bibliografia consultada, foram constatadas correntes de pensamento que tratavam desde a legislação existente no país e no mundo, que tem como objetivo garantir o direito da criança à comunicação com qualidade, até autores que defendem teses sobre a possível influência da televisão no comportamento das crianças e jovens.

Essas teses existentes geram a polêmica existente sobre a televisão. Veremos que alguns defendem a televisão, argumentando que por si só, ela não influencia as crianças e jovens; já a corrente que é contra, argumenta que a criança é vulnerável aos apelos da televisão e que isso tem causado danos na formação delas e até na sociedade.

Além do estudo realizado com o levantamento bibliográfico, também foi realizado um estudo de caso, onde se propõe estudar as crianças de uma turma de 4ª série do ensino fundamental, numa escola municipal situada no interior paulista com crianças na faixa etária de 9 a 12 anos.

Durante anos, venho trabalhando com turmas de 1ª a 4ª série do ensino fundamental em diferentes tipos de instituições. Tive a oportunidade de trabalhar com

escola da rede municipal onde atuo até hoje, em instituições particulares com Educação de Jovens e Adultos (SESI) e em Escola de Educação Especial (APAE). Mas em nenhuma dessas instituições, a televisão era usada como instrumento de apoio pedagógico pelos profissionais.

Na escola que lecionei no EJA, apesar de haver uma televisão e um vídeo em cada sala e sermos incentivados para usarmos a televisão como instrumento de apoio pedagógico, professoras e professores não faziam o uso da mesma. A televisão e o vídeo só eram usados pelas professoras e professores que davam aula para as turmas de 5ª a 8ª série e ensino médio do “Telecurso” onde as aulas eram ministradas com o auxílio da televisão e vídeo.

Já na escola pública municipal, quando iniciei, tinha o KIT da TV ESCOLA, onde além do aparelho de televisão, tinha o vídeo e a antena parabólica que permitiam que as professoras da escola assistissem e gravasse os programas exibidos na TV ESCOLA, para depois serem selecionados e trabalhados com os alunos. Mas isso não aconteceu, pois o aparelho de televisão e o de vídeo só eram usados para passar filmes ou desenhos que o governo do estado havia enviado para a escola antes da municipalização, ficando assim o KIT, sem o principal uso ao qual havia sido destinado.

Esses filmes não eram passados com objetivo de serem usados ou explorados pedagogicamente, eram usados como distração ou um recurso que as professoras recorriam quando precisavam de um tempo extra dentro da escola, para corrigir provas, cadernos ou fazer planejamento de projetos e organizar festas escolares.

A falta de planejamento e de um objetivo concreto para o uso da televisão, tinha como consequência a falta de interesse dos alunos nos filmes, que apesar de gostarem de assistir as mesmas fitas em casa, na escola não prestavam atenção e pediam para sair e ficar brincando no parquinho, preferiam brincar com as outras crianças ao invés de assistir filme.

Mesmo diante dessa situação, não podemos culpar as professoras e professores, pois sabemos que isso acontece pela falta de preparo, pois os cursos de formação de professores sejam de ensino médio ou superior, não priorizam a formação do professor

nessa área, ignorando a importância desse recurso para educação, se quer introduzem os conceitos básicos para o uso da televisão em sala de aula, nem dão um referencial para que os professores possam a partir daí, procurar meios que o auxiliem nesta tarefa. Muitos professores, por não saberem como usar a televisão como instrumento pedagógico em suas aulas, pela falta de preparo para isso, se recusam ou evitam o seu uso.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. A MÍDIA

A mídia é o conjunto de meios de comunicação (jornais, revistas, rádio, televisão etc.), ela está presente no dia-a-dia das pessoas, inclusive das crianças e jovens.

Roda e Beltrán, (1988, p. 41), definem a comunicação como o “processo pelo qual um conjunto de ações, intencionais ou não, atuais ou passadas, de um membro ou membros pertencentes a um grupo social, é percebido e interpretado significativamente por outro ou outros membros desse grupo”. (Apud Martínez Sánchez F., 1999, p. 58-59).

Segundo Martinez Sánchez F. (1999), os pontos comuns da concepção de comunicação são: um processo ou pelo menos implica num processo; sua complexidade deriva de sua relação com o comportamento humano individual e coletivo; a razão última da natureza dos eventos comunicativos se associam com a capacidade simbólica humana (p. 59).

Ele conclui que a comunicação é um processo complexo e que, além do emissor e do receptor, existe uma série de elementos e ações, influências e necessidades, que nos obrigam a pensar sobre eles.

Para que o processo da comunicação se consuma, é preciso que o receptor receba e entenda a mensagem, para isso, o emissor precisa garantir o recebimento da mensagem, e isso deve ser feito através do meio.

É através dos meios que o emissor irá superar as distâncias, tornando possível à comunicação.

Entre os tipos de meios de comunicação, o que mais tem causado polêmica entre os estudiosos da área de educação, é a televisão. Isso talvez se dá por ser o meio de

comunicação que mais se difundiu na história da humanidade com uma rapidez inigualável, atingindo a todas as idades, raças, culturas, classes sociais em todo o mundo.

Com o desenvolvimento do sistema de transmissão – os satélites – é possível a transmissão de um programa para qualquer parte do mundo.

Até mesmo quem não é alfabetizado, pode usufruir deste meio de comunicação diferente dos primeiros meios de comunicação de massa, a imprensa escrita que dependia de pré-requisito, como, o conhecimento da escrita para ter as informações impressas.

Já a televisão, oferece informação, lazer, entretenimento, cultura etc., com som e imagem.

Diante disso e da popularização da televisão que há algumas décadas, passou a fazer parte oficial dos eletrodomésticos da maioria de lares do Brasil e do mundo, a televisão passou a ser o meio de comunicação de massa de acesso mais fácil para crianças, jovens e adultos.

1.2. A FAMÍLIA E A TELEVISÃO

A família é a primeira instituição da sociedade na vida da criança e, também tem sido a primeira a se preocupar com as influências que a televisão pode causar na formação de suas crianças.

A maior preocupação está relacionada com o rendimento escolar e o desenvolvimento da agressividade em algumas crianças.

A televisão vem sendo responsabilizada pelos diversos seguimentos da sociedade, principalmente pela família, pelo aumento da violência, pela falta de interesse dos jovens pela leitura, pelo desinteresse ao estudo, pela precoce iniciação ao erotismo, entre outros.

Diante destas hipóteses, a escola e órgãos públicos têm se empenhado na tentativa de mudar ou impedir que isso continue a ocorrer.

Quando a criança não alcança um rendimento satisfatório, a família começa a levantar hipótese de que a televisão é a responsável pelo mau desempenho escolar. Isso se dá, pois muitas vezes, a criança não faz os estudos de casa para assistir televisão.

Outra questão é, o fato das cenas exibidas pela televisão causarem ou estimularem a agressividade infantil.

A autora Laura Bastos (Apud Barros, 2001), realizou um estudo sobre o comportamento das crianças brasileiras diante da televisão, (A criança diante da TV, um desafio para os pais). Esse estudo foi realizado com o objetivo de demonstrar como as crianças se comportam diante da TV.

Segundo a autora, a criança não se encontra desamparada diante da televisão, pois o sentido crítico e a capacidade de julgamento da criança, vão se desenvolvendo ao entrarem em contato com as diversas informações. E que, o círculo familiar e social são forte para favorecer a criança elementos para o seu amadurecimento e vida social.

Ela também acrescenta que a televisão não oferece riscos para a formação da criança e que os danos causados só ocorrem ao excessivo de tempo destinado a TV, prejudicando as demais atividades diárias. Ao final, ela ressalta a importância da interferência da família na orientação das crianças e, até mesmo para selecionar as programações que devem ou não devem ser assistidas pelas crianças.

1.3. A ESCOLA E A TELEVISÃO

Tanto a escola quanto à televisão, é tema que tem gerado muitas discussões. Essas discussões se originam da importância e influência de ambas na construção de cultura.

Como tanto a televisão como a escola estão presentes na vida das crianças e jovens de forma constante e cotidiana, é comum que ambas influenciem na sua formação. Mas, essa influência tem sido contestada pela sociedade, pois, se tratando da escola, que é uma instituição educacional oficial onde o ensino se dá de forma sistemática, organizada e planejada para alcançar um determinado fim, sua transmissão de conhecimento é

validada pela sociedade de forma pacífica. Já a televisão que também difunde e produz conhecimento, mas seguindo um modelo industrial de produção, não recebe o mesmo respaldo que o da escola.

Apesar da programação da televisão estar dentro da escola, levada pelos seus alunos que são também telespectadores, esse conhecimento não é validado pela sociedade.

Esse fato está relacionado ao tipo de influência que cada uma tem sobre a criança e o conhecimento que é transmitido.

Segundo Penteado (2000), apesar desse despertar global para as questões relativas à Televisão e a Educação, ainda têm, em nosso país uma situação paradoxal. Concessionárias de canais televisivos comerciais, imunes aos controles legais e desprovidos de princípios éticos mínimos, levam ao ar programas de mau gosto, grotesco, centrado em violência, sexo, drogas (bebidas alcoólicas, cigarros etc.), meias verdades e inverdades, além do apelo exaustivo, intensivo e sedutor ao consumismo, e do sensacionalismo absolutamente irresponsável. (p. 5).

Por ser o sujeito da escola telespectador que está exposto a televisão tempo muitas vezes maior que o gasto em sala de aula ou em estudos. Rezende e Rezende dizem que a televisão passou a ser um assunto que deve ser trazido para a escola e discutido por quem participa dela.

“Milhões de crianças, no Brasil, passam, em média, quatro horas diárias diante de um aparelho de tevê. Tempo equivalente ao que passa na escola. Esse fato, por si só, deve constituir preocupação para adultos, em geral, e, particularmente, para interessados nos problemas educacionais.” (p.4).

Devido ao impacto dos meios de comunicação, em especial a televisão, no dia-a-dia da vida das pessoas, está se tornando cada vez mais importante que a escola dispense uma atenção especial aos efeitos desse processo na formação das crianças e jovens.

Tornando-se indispensável pensar numa forma de educar as crianças e jovens para o uso da mídia e em especial a televisão dentro da escola e fora dela.

Todavia, a escola pode não estar preparada ou obter recursos para mais esta tarefa que lhe é atribuída no momento, mas deve está consciente que é necessário maior envolvimento das instituições educacionais através de realização de pesquisas e estudos sobre a televisão na educação e a educação para a televisão.

Devido à importância e complexidade do tema, estudiosos de diversos países, inclusive do Brasil, como: Barros Neta, Belloni, Carlsson e Feilitzen, Erausquin, Matilla e Vázquez, Napolitano, entre outros, já se debruçaram sobre o tema e divulgaram estudos, pesquisas e experiências sobre como educar para a mídia.

O tema é importante para a formação da personalidade e desenvolvimento do ser humano que por muito tempo tem despertado preocupação com os efeitos que a mídia exerce sobre as pessoas e em especial, nas crianças e jovens. A preocupação esta relacionada com a violência e a pornografia que a cada dia, tomam mais espaço nas programações da televisão.

Além desses fatores, outros fatos fizeram aumentar a preocupação das pessoas, o tempo dispensado pelas crianças na frente do aparelho de televisão. Estudos realizados por: Rezende e Rezende (2002) e Barros Neta (2001), comprovaram que a criança tem dispensado em média de 4 a 5 horas assistindo televisão. Esse tempo, geralmente ultrapassa quase todo o tempo gasto pelas crianças em outras atividades como: brincar, fazer dever de casa, ler, etc., quase equiparando ao tempo de permanência dentro da escola.

Levando-se em conta, estudos de Erausquin, Matilla e Vázquez (1983), Pacheco (1985), Rezende e Rezende (1989), Teixeira (1985) citados no livro de Barros Neta (2001) que comprovam que a televisão influencia o comportamento das crianças, e que muitas vezes as programações não estão direcionadas para propor ou construir uma boa formação e que o tempo gasto pelas crianças e jovens assistindo esses programas é considerado longo, autores que estudam o tema, têm defendido que algo deverá ser feito para amenizar os efeitos negativos da mídia na educação das crianças. Diante desses fatos, qual é o papel da escola? Como a escola poderá contribuir para amenizar esses efeitos?

1.4. OS ORGÃOS PÚBLICOS E A TELEVISÃO

No momento atual, estamos diante de diversas mudanças que ocorreram no século passado. A humanidade se deparou com diversas transformações e criações que atingiram as diversas áreas e modificaram o estilo de vida da maioria das pessoas. Algumas dessas criações causaram poucas transformações, mais outras, trouxeram grandes modificações.

No final do século passado, houve uma grande reestruturação de mercado em todo o mundo que culminou na globalização. Com isso, os mercados estão mais integrados, principalmente no que diz respeito aos meios de comunicação, e isso possibilitou que as pessoas de todas as partes do mundo tenham acesso as imagens e sons que são produzidos em qualquer lugar do planeta, através da internet ou TV, de forma quase que instantânea.

Devido à constatação da invasão de informações através da mídia, e sabendo-se através das pesquisas realizadas sobre o tema, que as crianças por estarem em contato com a mídia através da televisão estão sofrendo possíveis influências que podem estar modificando seu comportamento. Há estudiosos que defendem a teoria que o aumento da violência entre as crianças é decorrência do tipo de programação veiculado pela tevê, onde cenas de violência são constantes.

Segundo Werthein e Gregori na apresentação da edição Brasileira do livro: “A criança e a violência na mídia”, organizado por Carlsson e Feilitzen (2000), “as discussões que ocorrem ultimamente, motivadas em grande parte pelo advento do Programa Nacional dos Direitos Humanos e pelo 50º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, contribuíram para colocar na agenda das questões prioritárias do país o tema da violência e suas implicações no desenvolvimento social como um todo”.

Em decorrência disto, surgiu a preocupação em limitar os conteúdos veiculados na mídia, através de legislação e de auto-regulamentação.

Existem três artigos o 3, o 13 e o 17 relativos à mídia que são da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança.

Artigo 3

1. E todas as ações que envolvem crianças, empreendidas por instituições de bem-estar social públicas ou privadas, cortes de justiça, autoridades administrativas ou corpos legislativos, os maiores interesses da criança serão uma consideração primária.
2. Os Estados membros se comprometerão a assegurar à criança a proteção e cuidados necessários ao seu bem-estar, levando em conta os direitos e deveres de seus pais, tutores, ou outros indivíduos legalmente responsáveis por ela e, tendo em vista este fim, tomarão todas as medidas legislativas e administrativas adequadas.
3. Os Estados membros assegurarão que as instituições, serviços e instalações responsáveis pelo cuidado e proteção à criança estarão de acordo com os padrões estabelecidos pelas autoridades competentes, particularmente nas áreas de segurança e saúde, no número e adequação de seu quadro de funcionários, bem como na supervisão competente.

Artigo 13

1. A criança terá o direito à liberdade de expressão; este direito incluirá liberdade para procurar, receber e partilhar informações e idéias de todos os tipos, independentemente de fronteiras, oralmente, por escrito ou na forma imprensa ou de arte, ou através de qualquer outro meio de escolha da criança.
2. O exercício deste direito pode estar sujeito a certas restrições, mas estas devem ser estabelecidas por lei e são necessárias:
 - a) Por respeito aos direitos ou reputação de outros; ou
 - b) Para proteger a segurança nacional ou a ordem pública, ou a saúde ou costumes públicos.

Entre eles, o artigo 17 da Convenção da ONU sobre Direitos da Criança dispõe uma estrutura internacional para este trabalho.

“O artigo se refere tanto ao direito da criança de ter acesso à informação e fontes como à necessidade de encorajar o desenvolvimento de orientações apropriadas a fim de proteger a criança de informações e materiais nocivos ao seu bem estar”. (Ulla Carsson, 1999).

A Nordicom trabalhou para criar a Câmara Internacional da UNESCO para Crianças e a Violência na Tela, com o objetivo de contribuir e efetivar o conhecimento sobre crianças, jovens e a violência na mídia.

“Na prática, os objetivos da Câmara são três: atrair a atenção para a questão da violência na tela e seu papel na vida das crianças e jovens, estimular iniciativa e atividades que combatam a violência gratuita e ajudar a prover uma melhor base para as políticas nesse campo”. (Ulla Carlsson, 1999).

A Câmara faz uso de estudos de representações violentas na mídia, também documenta as medidas tomadas com objetivos de reduzir a violência nos programas e filmes da televisão.

Além disso, ela também tem publicado livros que reúne trabalhos científicos.

O primeiro livro publicado em 1998, com o nome de: A Criança e a violência na mídia de Ulla Carlsson e Cecília Von Feilitzen (orgs), reúne vários artigos baseados em pesquisas realizadas em vários países que são relacionados ao efeito da exposição das crianças à violência na televisão. Este livro está relacionado ao primeiro objetivo da Câmara, que é, aprender sobre crianças.

Segundo Werthein e Gregori, no texto de apresentação da edição brasileira:

A tradução da edição no Brasil do livro A criança e a violência na mídia, organizado por Ulla Carlsson e Cecília von Feilitzen (2000), representa iniciativa das mais oportunas, pois coincide com um momento em que o governo federal e a sociedade civil começam a debater de forma mais profunda o problema da violência em todas as suas formas e manifestações. (p. 9)

Com as mudanças políticas e econômicas em todo o mundo, a mídia também foi afetada pelo processo, com a informação se universalizando de maneira muito rápida.

Essa realidade trouxe conseqüências para a sociedade, pois, por não haver uma regulamentação para o material que circula na mídia muito desse material influência de forma negativa a personalidade da criança.

A Secretaria de Estado de Direitos Humanos e a UNESCO, viabilizou a edição brasileira do livro pela relevância das ações e pesquisas, quanto ao que se refere à auto-regulação da mídia.

Sabendo que devido às várias transformações ocorridas nas últimas décadas na economia e política em todo o mundo, a mídia foi muito afetada, pois, os avanços tecnológicos e a regulamentação do setor contribuíram para a globalização da mídia e isso fez com que as informações através do som e imagem chegassem a toda parte do mundo com muita rapidez.

Mas isso tem causado controvérsias, pois, ao mesmo tempo, que as pessoas estão sendo informadas com rapidez de todos os fatos ocorridos, não há garantia de qualidade nem controle ou regulamentação do que é veiculado na mídia.

Diante dessa constatação, a Convenção da ONU sobre o Direito da Criança define certos princípios para orientar tomadas de decisões políticas que afetam a criança. Um deles trata da criança e da mídia (art. 17).

Essas questões são o principal motivo que tem levado as pessoas envolvidas na educação a se preocuparem com a possível influência de cenas violentas e eróticas na vida das crianças.

Essa preocupação está sendo demonstrada de diversas formas.

Primeiro, com a preocupação de estabelecer limites através de regulamentação. Além disso, diálogo entre autoridades, mídia e o público está tentando chegar a um consenso para os princípios básicos. A Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança de 1989 fornece princípio em seu artigo 17. , referente à mídia.

“Os Estados membros reconhecem a importante função desempenhada pela mídia de massa e assegurarão que a criança tenha acesso a informação e materiais de diversas fontes nacionais e internacionais, especialmente aquelas que objetivam a promoção de seu bem-estar social, e sua saúde física e mental”. Para este fim os Estados membros:

- a) encorajarão a mídia de massa a disseminar informações e materiais que beneficiem social e culturalmente a criança, e de acordo com o espírito do artigo 29;
- b) encorajarão a cooperação internacional para a produção, troca e disseminação de tais informações e materiais de várias fontes culturais, nacionais e internacionais;
- c) encorajarão a produção e disseminação de livros infantis;
- d) encorajarão a mídia de massa a ter especial consideração pelas necessidades lingüísticas da criança que pertença a uma minoria, ou seja, indígena;
- e) encorajarão o desenvolvimento de orientações apropriadas a fim de proteger a criança de informações e materiais nocivos ao seu bem-estar, tendo em mente as cláusulas dos artigos 13 e 18.

Segundo, contribuir para o conhecimento sobre crianças, jovens e a violência na mídia, com o objetivo de fornecer novos conhecimentos e dados a todos os interessados em nível mundial. Esses conhecimentos servem como base para pesquisas quanto para política e as práticas construtivas. Tendo como objetivo, estimular iniciativas e atividades para combater a violência gratuita, e formar uma melhor política sobre o assunto.

O segundo livro, editado em 1999, *A criança e a mídia: imagem, educação, participação*, de Ulla Carsson e Cecília von Feilitzen (orgs.), trata do segundo objetivo que é o de estimular iniciativas e programas que combatam a violência na mídia, tendo como foco a educação e a participação das crianças na mídia.

Esse trabalho teve como colaboradores pesquisadores, professores, profissionais de mídia e representantes de organizações de várias partes do mundo que de acordo com suas tradições culturais e pedagógicas dedicam suas criatividade e energias para o desenvolvimento da educação e participação na mídia.

CAPÍTULO II

A RELAÇÃO ESCOLA/TELEVISÃO

2.1. A TELEVISÃO E O FRACASSO ESCOLAR

Há algumas décadas, a televisão tem gerado muitas polêmicas. Elas surgiram com a preocupação da possível influência da televisão na vida das pessoas.

Em decorrência disso, vários estudos foram realizados com o objetivo de verificar estas possíveis influências na formação das crianças e jovens, principalmente num momento que a escola não está conseguindo atingir seus objetivos educacionais de forma plena.

O fracasso escolar, a falta da prática de leitura e, principalmente, a violência entre jovens e crianças têm sido uma das conseqüências atribuídas a televisão.

Segundo Teixeira (1985), vários estudos mostram diversos efeitos causados pela assiduidade da criança e jovem em assistir as programações televisivas. São deformações de toda ordem: nos órgãos visuais, na audição, na estrutura física, na criatividade, tendência à passividade, à imitação, ao comportamento agressivo, além de provocar

...queda da ordem na disciplina, motivada pelo desejo da criança querer assistir à TV em horas destinadas a outras atividades como, por exemplo, a alimentação, sono ou estudo. Diminuição do tempo dedicado a outras atividades, distúrbios de comportamento, medo, instabilidade emocional. Redução ao mínimo indispensável da expressão verbal e escrita. Consumo precoce. Adoção passiva de modismos. Aumento da agressividade nas brincadeiras. Identificação de lazer como passatempo passivo etc. (Apud Barros Neta, 2001, p. 55)

Teixeira analisa a televisão como sendo uma “escola paralela”, uma vez que a maioria das crianças gasta mais tempo assistindo TV do que dedicando às aulas e aos afazeres da escola.

Para Napolitano (2003), muitos educadores, pedagogos e professores pensavam a influência da TV como um fator responsável pelo fracasso da escola, mas para ele, o fracasso da escola tem muitas variantes que vão além da presença da televisão na vida das crianças, e conclui dizendo que a escola tem visto a TV como inimiga porque, em primeiro lugar, pela particularidade histórica onde a televisão cresceu e se consolidou protegida pelo regime militar que fez com que muitos professores, vissem na escola uma trincheira de resistência política, o segundo ponto de afastamento entre TV e escola é a tendência ao sensacionalismo e ao conteúdo de baixo nível ético, estético e cultura das programações veiculadas pela TV e, o terceiro ponto de conflito, é o mais difícil de ser abordado. Trata do fato de boa parte dos objetivos e dos papéis tradicionais da escola (ideológicos, culturais e até didático-pedagógicos) se transferiu para a TV, acirrando a crise da instituição escolar e o questionamento de sua eficácia e lugar nas sociedades de massa contemporâneas. (pp. 17-18).

2.2. A VIOLÊNCIA E A POSSÍVEL INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO

Alguns estudos realizados nos anos oitentas e que foram analisados por Barros Neta (2001), compartilham a idéia da possível influência exercida pela televisão na formação das crianças e jovens, mas, apontam diferentes conclusões.

Existem diversos estudos que foram analisados por Barros Neta (2001), que tentam compreender estas possíveis influências no comportamento das pessoas. Esses estudos se basearam na quantidade de tempo que as pessoas foram expostas e a qualidade dos programas veiculados pela televisão.

Segundo Erausquin, Matilla e Vázquez (1983), a “teledependência” é o primeiro efeito do meio sobre os seres humanos; atribuindo aos conteúdos televisivos a possível criação de tendência agressiva, o incitamento ao consumo, e a imposição de certos valores ideológicos e culturais na formação de crianças e adolescentes e acreditam ser possível a neutralização da incidência televisiva, a partir da escola. (Apud Barros Neta, 2001. P. 17-18).

Para os autores, a televisão influencia de forma negativa o comportamento das crianças e jovens e que a escola poderá impedir que os efeitos sejam negativos, com isso, ao invés das crianças passarem horas na frente da televisão, poderão gastar esse tempo com leituras e brincadeiras.

Também consideram que as crianças que não têm hábito de assistir televisão são mais autônomas nas brincadeiras do que as que se expõem regularmente à tela.

Atribuem a falta de espaço físico e de liberdade para brincar o motivo da criança tornar-se dependente da televisão. E dizem que isso se dá pela redução do espaço público e privado, culpando por isso, a ordem pública, família e escola instituída.

Os autores Erausquin, Matilla e Vázquez (1983), citam estudos realizados por Himmelweit, Oppenheim e Vince, onde ressalta que apesar dos anos transcorridos, suas conclusões estão sendo convalidadas por numerosos peritos atuais. Em síntese, ei-las:

O simples fato de olhar a televisão favorece uma atividade mental passiva; a criança sentada, estática, com a boca aberta, consome tudo que aparece e absorva como uma esponja o conteúdo da programação.

A televisão pode incentivar na criança uma preferência pela vida “fabricada”, em detrimento de sua própria experiência. Basta que a criança aperte um botão para que cheguem a ela espetáculos, pessoas e acontecimentos. Isso a habitua ao gosto de aprender de segunda mão as coisas, sem se ver obrigada a realizar o esforço de ver e atuar por sua própria conta.

Por conseguinte, a televisão provoca uma atitude de espectador e uma perda de iniciativa. Se, por qualquer razão, a criança, já condicionada, for carente da possibilidade de contemplar a televisão, sua escolha se dirigirá para outras atividades de espectador: cinema, rádio, etc., de preferência a dedicar-se a um emprego ativo de seu tempo.

A televisão incapacita a criança para emoções autênticas. De fato, está sendo continuamente bombardeada por uma grande variedade de estímulos; qualquer um deles pode provocar o interesse da criança, mas a criança não traduzirá este apelo em ação, já que será distraída por outro estímulo passivo. (p. 39)

Em relação ao inquérito realizado por Duche, numa população de três mil e quinhentas crianças de dois a cinco anos, consta-se os seguintes dados: “as crianças são sensíveis às mensagens breves e concretas do tipo das que a televisão fornece. Nesta idade, captam especialmente cenas de violência e buscam heróis para imitar. As crianças objeto desta sondagem apresentavam aumento de violência e da agressividade, em geral, e um grande déficit de horas de sono.” (Erausquin, Matilla e Vázquez, 1983, p. 39).

Os autores Erausquin, Matilla e Vázquez (1983), observam que existem diferentes concepções sobre os efeitos da violência na televisão sobre o telespectador, por exemplo:

A do psicólogo infantil norte-americano Robert M. Liedert que expôs num congresso internacional que os jovens que consomem programas de televisão com cenas de violência mostram um aumento de 200 a 300% na agressividade. (p. 40).

Em estudo realizado em algumas escolas de Hamburgo, 98% dos professores manifestaram que a televisão “contribuía de forma efetiva para a indisciplina dos alunos”. (p. 40).

Dr. Peralta Serrano num estudo em 1977, analisava a “Síndrome de Evel Knievel”. Fazia referência às façanhas desportivas deste personagem que, conseguiu influenciar um grande número de jovens que imitavam os sucessos do campeão. A proeza do personagem que alcançou maior número de imitadores foi um salto de motocicleta de uma prancha a outra colocada a considerável distância e altura. Isso causou fraturas nas mãos e cotovelos, dentes quebrados e os maxilares rachados aos que tentavam imitar a proeza. (p. 40).

Eles também consideram estudos de Berkowit e Bandura, realizados nos Estados Unidos, e de Ancola, na Itália que foram resumidos por Evelina Tarroni, na Itália, onde ressaltaram que:

- A hipótese de Berkowitz é de verificar que a frustração mais filme violento gera comportamento agressivo, já os estudos de L. Ancona e M. A. Groce, contradiz essa hipótese, pois, tem como hipótese que a frustração mais filme violento gera diminuição da agressividade. (Erausquin, Matilla e Vázquez, 1983 p.41)

Apesar de a grande maioria dos que se preocupam com a violência na televisão esteja^m direcionando estudos e pesquisas para programas como os filmes, por eles mostram

cenar que com a ajuda dos efeitos utilizados, parecem reais. Os desenhos animados que são feitos especialmente para as crianças e o público jovem, também possuem muitas cenas de violência que possivelmente influenciam as crianças.

Os autores também analisaram a pesquisa de Richard B. Haynes sobre violência dos desenhos animados. “Para o estudo, classificou-se o desenho como violência autêntica se apresentava um ato violento como se fosse da vida real, sem efeitos cômicos intencionais. E o desenho era classificado como cômico quando a vítima da violência não sofria resultados duradouros ou verdadeiros efeitos danosos. A amostragem utilizada selecionou ao acaso um grupo de crianças de 5ª e 6ª séries da escola pública local. No total de 120 crianças: 58 meninos e 62 meninas. Os materiais de estímulo utilizados foram: cinco minutos de desenho “Dick Tracy”, como estímulo de violência “autêntica” e cinco minutos da “Pantera Cor-de-Rosa” como cômico”. Resultados: “Os entrevistados perceberam a ação de desenho animado violento e do desenho autêntico como significativamente diferentes: o primeiro foi definido como “mais violento” e “menos aceitável” do que o autêntico”. (Erausquin, Matilla e Vázquez, 1983 p. 42).

Sendo assim, a violência dos desenhos animados não passa despercebida pelas crianças, sendo que a violência dos desenhos animados violentos é mais agressiva que a dos desenhos animados autênticos.

2.3. A LINGUAGEM DA ESCOLA E DA TELEVISÃO

Enquanto o recurso utilizado pela televisão é a linguagem icônica, o da escola é a linguagem oral e escrita.

O conteúdo informativo que a televisão utiliza, é atual e faz parte do dia-a-dia dos telespectadores, já o da escola, são conhecimentos sistematicamente organizados.

Segundo Penteadó (2000), a escola utiliza os mesmos tipos de signos que o método Paulo Freire.

O método Paulo Freire, ao apresentar, ao lado da palavra escrita, o ícone, representativo da situação social do educando, na qual a palavra em questão se insere, está assegurando que as representações mentais a serem trabalhadas durante a aula sejam as do educando, garantindo dessa forma “a leitura do mundo precedendo a leitura da palavra na leitura do mundo”. (Apud, Penteado, 2000 p. 105).

O recurso didático utilizado de maneira bastante ampla pela escola dos dias atuais é o livro didático, composto de texto escrito (palavras) e de ilustrações (ícone).

O ícone, ou signo icônico, pela sua própria natureza tem uma analogia com o objetivo representado. De tal forma que não exige a familiaridade da pessoa que o recebe com a realidade a que se refere. Isso leva a ver o ícone como um signo capaz de propor o novo como um signo que revela. (Apud, Penteado, 2000. p. 107).

Já o “símbolo é um signo que representa seu objeto em virtude de uma convenção, de um acordo. É arbitrário. Para ser entendido não exige que seu receptor conheça o objeto ao qual se refere. Mas, ao contrário do ícone, o conhecimento do símbolo não implica o conhecimento da coisa representando tal como ela é” (Apud, Penteado. 2000 p. 107).

A autora concluiu que é dessa maneira que são utilizados na escola, em especialmente através de livros didáticos.

Ela constatou que a escola por está presa ao aspecto revelador dos signos que utiliza, faz um trabalho mecânico de união de conhecimento escolar ao conhecimento existencial.

Já a televisão opera com signos. Com o ícone e com o símbolo, explicitamente através da fala. Talvez por isso, a escola tem se distanciado da televisão, deixando de usá-la como aliada na educação.

Mas, apesar do caráter contraditório das análises sobre o efeito da televisão na formação das crianças e jovens, onde foi constatado que os efeitos tanto podem ser negativo como positivo, os meios de comunicação em especial à televisão não podem ser ignorados pela escola, pois tanto alunos como professores são telespectadores e adquirem diversas informações através dela.

Sendo a televisão um avanço tecnológico, e sabendo que as crianças quando começam a freqüentar a escola já levam com elas informações transmitidas pela televisão e que foram adquiridas no dia-a-dia ao assistirem as programações. É fundamental a escola saber qual a contribuição que ela poderá dar na formação dos alunos e com isso, anular os efeitos negativos.

Segundo Pacheco, (1985), os meios de comunicação de massa se tornaram extremamente sofisticados, em termos técnicos, mas não foram planejados para beneficiar os diferentes receptores, tornando-os cada vez mais calados, alienando suas funções expressivas, sendo que o controle, a seleção e uso da informação passaram a ser privilégio do agente transmissor enquanto o receptor se transforma numa multidão indiferenciada denominada “massa”, que passou a pensar e agir através de estereotipo e mitos de “felicidade“, “amor”, “conforto” e “juventude”, veiculados diariamente na “televisão” (Apud Barros Neta, 2001 p. 38).

Pacheco analisa que grande parte dos estudos que vem sendo feitos não atesta se os meios são responsáveis pela mudança de comportamento e de atitude de valores. E que é difícil avaliar os efeitos tanto no aspecto quantitativo quanto qualitativo.

A autora analisa vários estudos sobre os efeitos dos meios de comunicação de massa e diz que para determinado estudo, o efeito da televisão sobre a criança acontece da relação simultânea entre o caráter do meio e o conteúdo das mensagens e características do receptor. Nesta perspectiva ocorrem efeitos de alienação, efeitos de motivação para o estudo escolar, efeito sobre a visão que a criança tem de seu meio ambiente, efeito sobre a personalidade e comportamento, sobre a família enquanto unidade social, além do temor sentido pelas crianças quando da exibição de cenas que exprimem a violência realista.

Segundo Rezende e Rezende (2002), a televisão está definitivamente instalada nos lares, modificando o comportamento do indivíduo, sugerindo modismo, estimulando o consumo inculcando valores. Para ele, é difícil viver sem ela, por isso, é preciso aprender a conviver com ela. (p. 7).

2.4. TELEVISÃO COMERCIAL E TELEVISÃO EDUCATIVA

A televisão educativa, de caráter não-comercial, surgiu alguns anos após a televisão comercial. Antes do aparecimento da mesma, os programas educativos eram veiculados pelas televisões comerciais em diferentes países. No Brasil também não foi diferente. Os primeiros programas educativos foram veiculados em televisões comerciais.

Por muitos anos as televisões comerciais transmitiram programas educativos por causa de legislações que obrigava a fazê-lo. Isso fez com que emissoras comerciais transmitissem séries produzidas por emissoras educativas.

Segundo Pfromm Netto (2001), a televisão educativa nacional, desde quando iniciou suas programações no final da década de 60, tem contribuído com a educação desse país. Mas apesar de seus méritos, tem passado por problemas de âmbito financeiros, tecnológicos e legais. (p. 108).

Ele também ressalta que um dos problemas que tem atingindo a televisão educativa é que grande parte do território brasileiro não recebe suas programações.

Como a televisão que mais se difunde no Brasil é a comercial, onde os programas educacionais são limitados, pois seus fins são comerciais, para atender as necessidades de renda dos patrocinadores, pode-se observar que acaba exercendo possíveis influências negativas através das programações que oferece aos telespectadores onde o excesso de violência e pornografia, que são veiculados nos programas de pouca qualidade e sem o menor compromisso com a educação.

CAPÍTULO III

DELINEAMENTO DA PESQUISA

3.1. DEFININDO O TEMA

O trabalho iniciou-se com a definição do tema a ser estudado. O interesse pelo tema surgiu através de observações realizada durante a minha prática como professora de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental em instituições que atuei.

Desde que iniciei minha carreira como professora tenho observado comportamento de competitividade entre as crianças em diversos locais e situações dentro da escola.

As disputas entre as crianças ocorrem desde a entrada na escola e na sala de aula onde correm para ser a primeira, e que na maioria das vezes, acaba em empurra-empurra, brigas e tombos. Esse comportamento continua nas atividades de Educação Física, brincadeiras no recreio e até dentro da sala de aula. Tudo com um objetivo, ser o primeiro ou provar que é o mais forte.

Essa competitividade muitas vezes tem gerado violência e agressividade entre os alunos que geralmente acaba em “socos”, “chutes”, “tapas” e “empurrões”, ou seja, termina em briga.

Cenas de violência ou imitação destas entre as crianças, pode ser observado nas brincadeiras na hora do recreio, onde eles brincam de “lutas”, uma maneira de medir força, que na maioria das vezes acabam com reclamações dos alunos dizendo que o colega lhe bateu, lhe agrediu.

Diante dessas observações e através de leituras realizadas por mim de artigos que tratam do tema “o aumento da violência entre as crianças” que vêm sendo publicados e discutidos por estudiosos nos meios de comunicações escritos como: jornais, revistas e livros; tem aumentado minhas inquietações.

Após as leituras pude verificar que alguns autores estão relacionando o comportamento agressivo das crianças as cenas de violência presente nas programações da televisão.

Ao constatar esses fatos, minhas inquietações aumentaram ainda mais e, a partir daí, passei a fazer certas perguntas:

1. A televisão está contribuindo para aumentar a violência entre as crianças?
2. Pode a televisão auxiliar na educação?
3. Diante dessa situação, qual o papel da escola?

Após definir o tema, realizei o levantamento bibliográfico, onde pude adquirir um melhor embasamento teórico. E, logo após terminar o levantamento bibliográfico, iniciei a escolha da escola e turma onde iria desenvolver a pesquisa.

Ao decidir pela escola e turma que iria realizar o trabalho de pesquisa, iniciei a pesquisa, que se caracterizou por um estudo de caso. De acordo com LUDKE e ANDRÉ (1986), a observação possibilita o contato direto entre o pesquisador e o objeto de estudo. (p. 26).

Durante a realização da pesquisa que teve início em março e se estendeu até junho de 2006, fiz uso do Caderno de Campo para anotar dados e informações que achei relevantes para a pesquisa.

O material de análise para a conclusão desta pesquisa foi obtido através das observações realizadas dentro da escola, na sala de aula, no pátio, no campo gramado, no portão na hora da entrada e saída; com o questionário respondido pelas crianças; com o levantamento das fitas de vídeos que as crianças têm em casa e trouxeram para assistirmos na escola. Além disso, também fizeram parte da pesquisa as conversas informais desenvolvidas na sala de aula entre alunos e a professora sobre televisão e suas programações.

Para iniciar a pesquisa, os alunos da turma responderam um questionário que foi utilizado para complementar as informações. A decisão de que o questionário deveria ser

respondido pelos alunos e não pelos pais, é que se tratando da turma estudada ser uma turma da 4ª série, e que sendo assim, todos podiam se expressar oralmente e através da escrita e, isso colaboraria para termos respostas diretas das crianças, decidir por trabalhar com os alunos.

O motivo por preferir as respostas diretas das crianças, é que, segundo a pesquisadora, Olé Langsted (s/d), é fundamental estudar os relatos de crianças; para ela, o pesquisador deve entrevistar as crianças, porque esta é a única maneira que tem para desvendar algumas questões. Segundo a autora, não há outra forma/método: ou se recorre às crianças ou se fica sempre trabalhando com a visão do adulto. (Apud Demartini, 2002).

Florestan Fernandes chamou a atenção para a importância que representou, para ele, poder ter acesso à observação e ao intercâmbio com as crianças. Ele ressaltou que é importante não só ouvir o que as crianças relatam, mas ouvir as críticas das crianças às observações que ele fazia. (Apud Demartini, 2002).

Outro recurso utilizado como complemento da pesquisa foi realizar levantamento do tipo de vídeo que as crianças têm e assistem em casa e sugerir que trouxessem para assistimos na escola.

Dois dias depois da conversa e do pedido das fitas, as crianças já haviam trazido 22 fitas e, a turma decidiu que deveriam escolher qual seria visto primeiro. Para isso, foi realizada uma votação.

3.2. ESCOLHA DA ESCOLA E TURMA

Ao definir o tema de pesquisa, decidir por realizar o trabalho na mesma escola onde trabalho e com a minha turma, uma 4ª série do Ensino Fundamental, já que foi a partir das crianças com quem trabalho que realizei as primeiras observações.

Essa escolha também se deu pelo fato de que os profissionais da educação sabendo do aumento das cenas de violência e agressividade entre as crianças e até na sociedade de uma forma geral, decidiu colocar no Planejamento Escolar o projeto: “Ética e Cidadania”, que visa trabalhar quatro temas: Amor, Respeito Mútuo, Paz e

Solidariedade, que tem como objetivo diminuir a violência dentro e fora da escola, começando pela existente entre os alunos.

Diante disso, decidir que na escola que trabalho seria um bom local para a realização da pesquisa, além disso, trabalhando todos os dias com a turma, teria mais tempo para realizar o trabalho através de observações constantes, já que estou em contato com as crianças 5 horas por dia e 5 dias por semana.

3.3. CARACTERISTICA DA ESCOLA

A escola escolhida está situada na área urbana de uma cidade do interior paulista e foi municipalizada no ano 2000, fazendo agora parte da rede municipal de ensino da cidade.

A escola recebe crianças de pré-escola da Educação Infantil até a 4ª série do Ensino Fundamental.

É uma escola pequena com três turmas no turno da manhã e duas no da tarde. No turno da manhã que inicia às 7 horas e 10 minutos, têm três turmas: pré-escola, 3ª série e 4ª série. Já o da tarde, que inicia às 12 horas e 10 minutos, são apenas duas turmas: a 1ª série e a 2ª série, já que não houve número de criança suficiente para formar uma turma de jardim como nos anos anteriores.

Esta escola apesar de está situada num bairro da zona urbana da cidade, tem como tipo de residências predominante: chácaras e sítios, além de casas com jardins e quintais, ou seja, residências com bastante espaço físico disponível para brincar.

As crianças que freqüentam a escola são na maioria filhos dos caseiros ou trabalhadores destas residências o que tem causado constantes transferências das crianças para outra escola por causa da mudança de emprego dos pais.

O espaço físico da escola é formado de três salas de aulas, uma de computadores, uma cozinha, um banheiro para meninas, outro para meninos e um para os funcionários,

secretaria e direção juntas na mesma sala, cozinha, pátio coberto e campo gramado com parquinho para a pré-escola.

Mesmo sendo uma escola pequena em relação ao espaço físico e número de alunos, ela está equipada com 2 aparelhos de televisão sendo que um tem o KIT TVESCOLA que foi instalado na época que a escola pertencia a Delegacia de Ensino do estado, mas que atualmente não está funcionando por falta de manutenção, dois vídeos cassetes, um DVD, dois aparelhos de som, um grande e outro portátil e uma sala com 34 computadores.

3.4. CARACTERÍSTICA DA TURMA

A turma escolhida é uma 4ª série do Ensino Fundamental e têm 23 alunos, sendo 12 meninas e 11 meninos.

A maior parte da turma está na faixa etária correspondente a 4ª série que é entre 9 e 10 anos. Mas temos casos de alunos que foram retidos e têm entre 12 e 13 anos.

A característica mais forte observada na turma é a competitividade entre os alunos, que é colocada em prática a todo tempo e em todo lugar dentro e fora da escola.

Os alunos começam a disputa, já na entrada, pois a cada dia tentam chegar mais cedo no portão da escola. Isso começou a ocorrer desde o início do ano, quando um aluno que mora no bairro vizinho e vem de ônibus chegava na escola às 6 horas e 45 minutos e dizia que era o primeiro a chegar na escola. A partir daí, vários alunos começaram a chegar cada dia mais cedo para disputar com o colega.

Outro episódio que ocorre todos os dias é que na entrada, todos correm, meninos e meninas, para ser o primeiro da fila. Por isso, tivemos vários casos de brigas e agressões na chegada dos alunos.

No recreio, horário que as crianças têm para brincar juntas, tem sido marcado por constantes conflitos que terminam em brigas e agressões. Essas brigas começam com as

brincadeiras no pátio ou no campo gramado, onde os meninos brincam com as brincadeiras preferidas por quase todos que é “luta” e “bater figurinhas”.

Para tentar melhorar o comportamento das crianças diminuindo as brigas e agressões verbais que são constantes, começamos a trabalhar o projeto “Ética e Cidadania”, que está no Planejamento Escolar.

Outro recurso que visa melhorar esse comportamento foi à implantação dos Jogos Cooperativos nas aulas de Educação Física. Esses jogos têm como objetivo trabalhar a cooperação para que possamos realizar o processo de inclusão social nas escolas.

Mas apesar deste projeto ter sido implantado na rede municipal de ensino da cidade há 4 anos, não há mudanças significativas no comportamento ou tipo de brincadeiras escolhidas pelas crianças.

Quando estão brincando livres na hora do recreio, continua predominando as brincadeiras de competitividade e as apostas que na maioria das vezes visam medir força.

Belloni (2001) ao falar da violência entre as crianças diz:

“A recorrência de imagens violentas na TV faz com que violência física tenda a ser percebida como natural, como meio eficaz de resolver conflitos, como modo ‘natural’ de brincar e interagir com os pares” (p. 38).

CAPÍTULO IV

RELAÇÃO CRIANÇA/TELEVISÃO

4.1. POSICIONAMENTO DAS CRIANÇAS COM RELAÇÃO À TELEVISÃO

Como parte do desenvolvimento da pesquisa foi elaborado um questionário que têm como objetivo conhecer um pouco mais a relação criança/televisão. Por isso, foi pedido que as próprias crianças respondessem as perguntas, na escola, sem a interferência dos pais.

A primeira pergunta tinha como objetivo saber se a criança gosta de assistir televisão.

As respostas não foram diferentes do que se esperava, dos vinte e um alunos que responderam, vinte disseram que sim, que gostam de assistir tevê. Apenas um disse que às vezes gosta e às vezes não, preferindo brincar na rua.

A segunda pergunta foi direcionada para saber quanto tempo às crianças gastam assistindo tevê durante o dia.

Das vinte e uma crianças que responderam, duas disseram que assistem duas horas por dia; sete disseram que assistem quatro horas por dia; quatro disseram que assistem cinco horas por dia; uma disse que assiste seis horas por dia; duas disseram que assistem sete horas por dia; duas disseram que assistem oito horas; uma disse que assiste nove horas por dia e duas disseram que assiste tevê o tempo todo que estão em casa.

Pentado obteve dados nos quais a maioria dos estudantes pesquisados (46,5 % numa escola e 52,1 % na outra escola, ambas públicas) “gastam em média entre 3 a 5 horas diárias assistindo à televisão” (Apud Porto).

Estudos realizados por Barros Neta (2001) e Rezende e Rezende (2002) comprovam que a maioria das crianças em idade escolar, assistem em média quatro horas diárias de televisão, tempo semelhante ao dedicado as atividades escolares.

A terceira pergunta foi para saber se os pais interferem nos programas que os filhos assistem ou se deixam por conta da criança.

Das vinte e uma crianças que responderam, cinco disseram que os pais não proíbem nenhum programa e elas assistem o que gostam, Já as outras dezesseis disseram que os pais costumam proibir alguns programas, mas ao explicarem quais e porque, os motivos foram diferentes.

Alguns disseram que os pais proibiam programas proibidos para menores de dezoito anos, outros disseram que os pais não deixam assistir programas que passam tarde da noite por causa do horário de dormir. Mas a maioria disse que os pais proíbem programas e filmes que têm cenas de violência, pornografia, de terror e que falam palavrões.

Para Barros Neta, (2001, p. 71), um dos principais problemas para a família é conseguir controlar a programação que os filhos assistem, mas ela insiste que cabe aos pais orientar os filhos quanto ao tempo e o tipo de programação a que podem assistir.

A quarta pergunta era para saber se eles são influenciados pelas programações da televisão.

Em relação a esta pergunta, onze crianças responderam que a tevê influencia na compra de produtos de consumo como: sapatos, tênis, sandálias, botas, roupas e brinquedos. Outras 6 disseram que eram influenciadas a imitar as “lutas” e “brigas” que aparecem nos filmes e desenhos. Uma disse que gostava de imitar as brincadeiras, uma outra disse que gosta de copiar as mulheres bonitas das novelas e outra disse que copiava os nomes bonitos e, apenas uma disse que não se sentia influenciada, pois sabia o que é bom e o que não é bom da tevê.

A quinta e sexta pergunta questiona se os pais assistem televisão com os filhos e, que tipo de programa gostam de assistir juntos.

Para essas perguntas, dezesseis crianças disseram que os pais assistem tevê junto com eles, mas apenas novelas. Outras duas, disseram que não vêem tevê juntos e três disseram que só assistem filmes, sendo que um deles disse que só assiste filmes de “lutas” com o pai.

A sétima pergunta questiona se os pais orientam os filhos quanto ao tipo de programas que são aconselháveis para a idade deles ou se deixam por conta deles decidirem.

Ao todo, dezesseis crianças falaram que os pais falam quando os programas são bons e quando não são bons, e que proíbem quando acha^m que eles não podem ver. Já os outros cinco disseram que os pais não ligam e que eles assistem o que gostam.

A oitava pergunta é com o objetivo de saber se as crianças acham que a tevê ensina alguma coisa para elas.

Quatro crianças falaram que a tevê não ensina nada, duas disseram que ensina coisa ruim como palavrões. Sete disseram que ensina a respeitar os mais velhos, a estudar, a brincar e muda o comportamento. Quatro disseram que ensina a lutar e a se defender. As outras quatro, disseram que às vezes a tevê ensina coisas boas, mas que às vezes ensina coisas ruins.

De acordo com Penteado, a televisão, “embora não pretendendo ensinar, ensina, e a escola, com o objetivo de ensinar, ensina pouco ou mesmo não ensina” (Apud Porto).

Já para Belloni, os jovens fazem diferentes leituras das mensagens da telinha. “Em todas estas leituras encontramos um elemento comum: os jovens, em sua maioria, consideram que aprenderam algo importante e sério pela televisão”. Para eles, a telinha tem uma legitimidade, como fonte de saber, semelhante à da escola. (2001, p. 31).

A nona pergunta tinha como objetivo saber o que as crianças fariam se ficassem sem tevê, caso desse defeito.

Das crianças que responderam, cinco disseram que iriam para a casa das outras crianças brincar de jogos. Outras onze, disseram que iriam brincar na rua com as outras crianças. Três disseram que ficariam dentro de casa brincando com os irmãos. Duas iriam dormir e uma disse que brincaria de boneca.

A última pergunta foi se a tevê os impede de realizar outras tarefas no dia-a-dia.

A resposta, sim, foi unânime. Mas as atividades que deixa de fazer foram diversas. Alguns disseram que não fazem o “dever de casa” que a professora passa por causa da tevê, outras disseram que deixam de brincar na rua ou no quintal para ficar deitado no sofá vendo tevê, outros disseram que não ajudam os pais em casa, para assistir tevê e até deixam de estudar para prova para não perder os programas que gostam de vê na tevê. Disseram também que muitas vezes mentem para os pais dizendo que não têm deveres de casa ou que estudar para prova para não ficarem sem assistir aos programas preferidos.

4.2. LEVANTAMENTO DAS FITAS DE VÍDEO

Para iniciar o levantamento das fitas de vídeo, desenvolvemos uma conversa sobre televisão e filmes onde foi perguntado se eles gostavam de assistir televisão e filme de vídeo, como a resposta foi que sim, perguntei quem tinha fita de vídeo em casa e das vinte e três crianças da turma só duas não tinham. Então, fiz um levantamento dos alunos que disseram que tinham fitas e dando prosseguimento à pesquisa, pedir que quem tivesse fitas e pudessem trazer para a escola para nós escolhermos algumas para assistirmos, que trouxessem nas próximas aulas.

Em apenas dois dias depois do pedido, já tinha recebido vinte e duas fitas, e eu tive que pedir para eles não trazerem mais, pois já tínhamos muitas fitas para escolhermos.

As fitas trazidas para a escolha foram:

- 01 – Procurando NEMO
- 02 – Vale tudo
- 03 – Beethoven (o desenho)
- 04 – Cinderela II
- 05 – CHUCK: Brinquedo assassino 2
- 06 – Brasil Cultural: Nosso País – Amazônia – Norte
- 07 – O pequeno Stuart Little
- 08 – A polegarzinha no Reino Encantado
- 09 – Turbulência 2
- 10 – Pokémon: O retorno de Mewtwo
- 11 – Aladdin
- 12 – Timão e Pumba
- 13 – A Pequena Sereia II (O retorno para o mar)
- 14 – Os três porquinhos
- 15 – Popeye
- 16 – Anastásia
- 17 – A Princesa Encantada e o segredo do castelo
- 18 – A Princesa Encantada
- 19 – O tesouro de Ali Babá
- 20 – Jasmine
- 21 – O Gato de Botas
- 22 – A grande aventura

Não fiquei surpresa quando verifiquei que a grande maioria das fitas era de “Clássicos Infantis”, mas também tinha fitas de filmes com cenas de violência explícita proibida para menores de quatorze e dezesseis anos.

Das vinte e duas fitas, apenas quatro não eram específicas para o público infantil. Três fitas eram indicadas para maiores de quatorze e dezesseis anos pelas cenas de violência, e uma era vídeo cultural, falava da região Norte do país, da Amazônia.

Devido ao número de fitas que trouxeram, houve a necessidade de fazer uma votação para que eles pudessem escolher qual delas íamos ver primeiro.

Todas foram colocadas para escolha através da votação, mesmo as proibidas para menor de quatorze e dezesseis anos.

4.3. ESCOLHA DAS FITAS

Para iniciar a escolha, combinei com a turma que eu iria escrever o nome de todas a fitas na lousa e que cada aluno poderia escolhe três nomes e eu colocaria ao lado dos nomes os pontos. No final, as três mais votadas, nós iríamos assistir na escola.

Ao terminar a votação, para minha surpresa, o filme mais votado com dezessete votos foi: CHUCK – brinquedo assassino 2, que é proibido para menores de catorze anos e trazia na sinopse a informação que era um filme com cenas macabras e apavorantes.

Continuei verificando a votação e mais uma surpresa, o segundo filme escolhido foi VALE TUDO com Rickson Gracie, um filme proibido para menores de dezesseis anos ficou com onze votos. O filme é ação/documentário, e foi lançado em 1996, com a duração de 70 minutos, a sinopse informa:

DOIS LUTADORES ENTRAM NO RINGUE, MAS SOMENTE
UM CONSEGUE VENCER. A ÚNICA FORMA DE VENCER:
DESISTÊNCIA OU NOCAUTE!

*Rickson Gracie, um lutador Mestre nos socos, chutes e no JIU-JITSU com mais de 400
lutas sem derrota, foi o centro das atenções no Japan Open "Vale Tudo nº 1".
Para os telespectadores de mais de 10.000 pessoas, o espírito dos velhos Guerreiros
Samurais revivem em fantásticas lutas e no corpo do fabuloso Rickson Gracie.*

Ao final da sinopse, em letras grandes vem escrito:

*AVISO: CENAS DE VIOLÊNCIA EXPLÍCITA!
PROIBIDO PARA MENORES DE 16 ANOS.*

O terceiro filme apesar de ser um filme cultural me causou estranheza. Isso porque entre dezoito filmes indicado para criança, como os desenhos e filmes com temas infantis que os alunos haviam trazido, ele preferiram após escolherem dois com cenas de violências, um cultural.

O terceiro escolhido foi Brasil Cultural Nosso País – Amazônia – Norte. Esse filme fala da Região Norte do Brasil, da Amazônia e sua flora, fauna, rios, povos e reserva mineral e trata de um assunto que ainda será estudado pela turma no terceiro bimestre.

Ao terminar a votação e verificar a classificação, onde os dois primeiros eram proibidos para a idade deles, resolvi conversar com a turma a respeito do tipo de filmes que eles haviam escolhido.

Primeiro, avisei que iria ler a sinopse dos filmes ganhadores e depois iríamos conversarmos.

Quando acabei de ler a sinopse do primeiro filme escolhido, onde avisava que o filme era proibido para menores de quatorze anos, alguns alunos perguntaram porque era proibido, e indagaram se havia cena de sexo.

Eu disse que não havia cena de sexo, mas que as cenas de violência não eram recomendadas para a idade deles, pois apareciam cenas apavorantes e eles podiam ficar assustados.

A reação da maioria (principalmente dos meninos), foi de que eles não tinham medo e gostavam de ver cenas de terror e de lutas, que era legal e que eles viam em casa e não ficavam com medo. Apenas cinco crianças, quatro meninas e um menino, falaram que não gostavam, que não conseguiam dormir quando viam cenas de terror.

Eu continuei com meus argumentos para não passar o filme, mas mesmo assim muitos insistiam em ver. Para a minha surpresa quase toda a turma não havia visto o primeiro filme da série CHUNCK, mas queriam assistir o segundo e disseram que não tinham medo, já os que viram o filme antes, disseram que queriam ver novamente.

Belloni (1992), diz que: “O sucesso da violência como estilo estético e como símbolo ou metáfora do mundo contemporâneo, parece incontestável: os números de audiência e bilheteria o comprovam. Em termos estéticos, a repetição e o uso abusivo destas figuras de estilo tendem a banalizar o efeito no espectador, que acaba achando engraçado as cenas de terror” (1998, p. 44).

Demos continuidade a discussão sobre os filmes, lendo a sinopse do segundo filme escolhido: Vale Tudo.

Ao iniciar a leitura, e ao saber que o filme era de luta, os meninos vibraram. Diziam que ia ser legal, que eles gostavam de ver e de brincar de luta.

Segundo Belloni (1992): “Para coroar o sucesso da violência midiática, pudemos observar que, para muitos de nossos jovens, a violência aparece como sinal de coragem, de valor (especialmente para os meninos, mas não só), a não violência sendo conotada como signo de covardia e caminho para a derrota e a frustração”. (p. 16)

Ao terminar com a sinopse, comecei a ler o aviso que em letras grandes, dizia que o filme exibia cenas de violência explícita, e que era proibido para menores de dezesseis anos. Finalizei dizendo que não ia poder passar o filme na escola, uma vez que o mesmo não era indicado para crianças da idade deles.

Após minha decisão, alguns alunos começaram a questionar o porque de não passar o filme, uma vez que eles os viam em casa, e os pais não os proibiam.

Então perguntei porquê eles gostariam de ver um filme com cenas de luta e de violência. Os meninos falaram que era “legal”, pois vendo as lutas, eles aprendiam a lutar e a se defender.

Então eu perguntei:

— De quem vocês querem se defender?

E a resposta dos meninos foi quase unânime:

— Dos colegas maiores e que gostam de bater nos menores quando estamos brincando juntos.

Belloni, Calligaris e Canclini dizem que: “A passagem da violência virtual em que não há limites e pode-se tudo sem conseqüências, para a violência real das ruas, das gangues e dos estádios é, portanto, muito fácil, sobretudo porque do ponto de vista ético o excesso de imagens violentas na TV, característica antiga de nossa paisagem audiovisual, tende a naturalizar e a legitimar o uso da violência como meio de resolver conflitos. Tudo isso ocorre, não percamos de vista este horizonte, num mundo globalizado, de capitalismo radical, onde a cultura dominante é o consumismo, o individualismo ao paroxismo do narcisismo social, muito bem expresso nas publicidades de produtos para a beleza e a elegância, que identificam felicidade com mercadoria” (Belloni, 1992 a, 1994, 1998 a e 1999 b; Calligaris, 1996; Canclini, 1995 a).

Apesar de vários argumentos usados por eles, eu conseguir convence-los de que os filmes não poderiam ser passados na escola e que nós podíamos escolher outros dos que os colegas trouxeram ou até pegarmos filmes novos na locadora.

Com isso, eu realizei outra votação para eles escolherem outro filme, pois a turma não quis que o primeiro filme a ser assistido, fosse o terceiro colocado na primeira votação.

Então eles decidiram entre eles que o primeiro a ser assistido poderia ser o quarto colocado, o filme “O pequeno Stuart Little.

Após fazer uma breve análise da escolha da turma, verifiquei que os dois primeiros filmes escolhidos eram filmes com cenas de violência e que a preferência dos meninos e de algumas meninas, era estes tipos de filmes aos clássicos infantis.

Também pude constatar que algumas crianças já haviam visto os filmes e que suas preferências eram por filmes com cenas de violência, com lutas e brigas.

Diante disso, resolvi questionar o porque da escolha daquele tipo de filme e não dos desenhos e clássicos infantis.

A resposta que tive é que os outros filmes eram bobos, eram para “criancinhas” e eles já haviam visto os mesmos filmes várias vezes, que agora não tinha mais graça, e que, ficaram curiosos com os que não haviam visto ainda. Outros falaram que eles preferiam filmes que tinham brigas, lutas, pois assim, eles aprendiam a se defender.

Belloni (O que é mídia-educação, 2001) cita que muitas pesquisas têm revelado, de modo muitas vezes perturbador, o fascínio exercido por imagens de violência para os jovens do mundo inteiro. Os sucessos de bilheteria de certos produtos do cinema hollywoodiano são outro indicador inquietante. Nossas pesquisas mostraram que as considerações ligadas à estética da violência são importantes para explicar este sucesso. Novas linguagens, novos ícones, novas formas de comunicação, em que a violência é ao mesmo tempo tema e linguagem (conteúdo e forma): os filmes do cineasta *expert* na estilização da violência, Quentin Tarantino podem ser considerados como uma sofisticada metalinguagem e, justamente por isso, seu poder de persuasão tende a ser muito maior. (p. 35).

4.4. MANIA DO MOMENTO – NOVELA REBELDE

Início do ano letivo, numa das primeiras aulas de Geografia em que o conteúdo a ser ensinado era: “A localização do Brasil no Planeta Terra”, antes de iniciar a aula, trouxe para a sala alguns materiais de apoio didático.

Entre os materiais que trouxe, tinha um planisfério que foi pendurado na lousa para que todos vissem a explicação.

Durante a explicação que realizava com o auxílio do planisfério, uma aluna levantou-se e foi até a lousa onde estava pendurado o planisfério e perguntou:

— Pro, onde fica o México?

Eu perguntei por que ela queria saber. Ela respondeu:

— Por nada, só pra saber.

Uma aluna que estava sentada na frente disse:

— Pro, ela quer saber onde fica o México por causa do “Rebelde”.

Eu continuei sem saber do que se tratava e perguntei:

— Quem é o “Rebelde”?

Nesse momento, quase todos os alunos riram e falaram:

— É a novela que passa na televisão, no SBT.

Mais uma vez eu perguntei:

— O que tem a ver a novela com o México?

Então, a turma explicou que a novela Rebelde é mexicana.

Só assim, eu entendi o porque do interesse da aluna e também da turma na localização do México.

Mesmo não sendo o conteúdo a ser ensinado, sentir a necessidade de falar da localização do México, dos países vizinhos, da capital, da língua falada e de alguns costumes do povo mexicano.

Ao falar que a língua falada no México é o Espanhol, alguns alunos falaram que queriam aprender Espanhol ao invés de Inglês na escola, e que até já sabiam falar algumas coisas em Espanhol.

Para Penteadó (2000), os sujeitos da escola são telespectadores de muitas horas diárias, e que apenas esse fato já seria suficiente para trazer a TV e seus processos às considerações da escola. Ela acrescenta que soma-se a esse fato outros não menos significativos: os alunos gostam de ver TV, vêem-na com prazer e aprendem pela TV. Para a autora, os alunos aprendem modos de falar, SLOGANS, padrões de comportamento, modos e/ou parâmetros de julgamento, informações e padrões de análise e esse aprendizado se realiza através da linguagem icônica ou imagética e da linguagem sonora (p. 97). Ela também analisa que apesar da escola ter como meta a aprendizagem e a TV também promover a aprendizagem, ambas se diferenciam pela forma que os conteúdos e procedimentos usados são ensinados. Para ela, isso ocorre porque a TV usa conteúdos e procedimentos do momento, atuais, que estão diretamente ligados e interferindo na vida dos telespectadores por serem acontecimentos do seu dia-a-dia. Já a

escola direciona a aprendizagem para os conhecimentos sistematicamente organizados, que são produzidos por procedimentos científicos, ou seja, racionais e metodológicos (pp. 98-99).

A partir do dia que fui questionada pela aluna da localização do México, talvez por ter inserido na aula assunto referente ao México, passei a ser requisitada pelos alunos a participar desse momento (mania) da vida deles. Primeiro, eles me informaram o horário da novela e falaram para eu assistir, e todos os dias cobravam, perguntando se eu havia assistido. Segundo passaram a trazer tudo que tinham que estavam relacionados com a novela como: CD, DVD, álbum, figurinhas e RG das personagens para me mostrar. E até me davam figurinha que eram repetidas para eu colar na minha agenda.

Depois que terminei a explicação sobre o México e concluir a explicação sobre a localização do Brasil, resolvi perguntar aos alunos quem assistia à novela Rebelde. Para minha surpresa, dos vinte e três alunos dezoito disseram que assistiam.

Também perguntei qual era o assunto principal da novela, como eram as personagens e porque eles gostavam da novela. Várias crianças da turma responderam que a novela tinha uma banda, a RBD e que os jovens estudavam numa escola para pessoas ricas, o Colégio Elite Way no México e que eles eram jovens legais.

Então, eu perguntei o que eles mais gostavam da novela e obtive várias respostas.

Uma aluna falou:

— Prô, eu gosto das roupas que eles usam, por isso, pedi a minha mãe para comprar uma bota e uma gravata pra mim, mas ela só comprou a bota.

Outra aluna falou que o que mais gostava era das músicas da banda e ela tinha o CD e o DVD que ganhou de presente de aniversário.

Várias meninas e meninos disseram que tinham o álbum do Rebelde e que compravam e trocavam figurinhas com as colegas, e isso muitas vezes era feito dentro da sala de aula e eu tinha que intervir. Até que foi combinado com a turma que trocar e bate figurinhas só no recreio. Todos os dias, na hora do recreio, os alunos queriam me mostra

os álbuns e as figurinhas que tinham comprado ou trocado e me davam algumas para eu colar na agenda.

A partir desse episódio, passei a prestar mais atenção no comportamento da turma em relação a essa atual mania.

Observei que a novela estava influenciando o comportamento da turma, principalmente a maneira de vestir de algumas crianças, (especialmente das meninas) e o cabelo.

Durante a aula de Artes, verifiquei que algumas meninas estavam pintando o cabelo de vermelho com a caneta hidrocor. Quando perguntei porque estavam pintando os cabelos, uma aluna respondeu:

— É pra ficar igual o da Roberta da novela Rebelde.

E acrescentou:

— Não se preocupe prô, quando lavar sai.

Num outro dia observei que uma aluna chegou na escola de bota de cano alto e nesse dia estava muito quente. Na hora do recreio, perguntei para ela se não estava com calor, e ela respondeu:

— Estou, hoje esta quente.

Então, eu perguntei:

— Por que veio de bota de cano alto com esse calor?

— Porque eu acho bonito usar bota.

Num outro dia, durante a aula um aluno interrompeu dizendo que a professora de Inglês havia chegado, que ela acabara de atravessar o pátio.

Nesse momento uma aluna perguntou:

— Prô, não dá pra trocar a aula de Inglês para a de Espanhol?

Mais uma vez eu questionei porque da sugestão de trocar de aula, e ela respondeu:

— É que eu gosto mais de Espanhol.

Nesse momento, alguns alunos da turma se manifestaram dizendo:

— Prô, ela esta falando isso só por causa da novela Rebelde.

A mesma aluna que na aula de Geografia perguntou onde ficava o México, num outro dia disse:

— Prô, quando eu crescer quero ir morar no México.

Eu perguntei por que ela queria morar lá, e ela disse:

— Porque eu quero ser mexicana e estudar no Colégio Elite Way.

Tínhamos terminado de entrar na sala de aula, no início do dia, quando uma aluna foi até a minha mesa onde eu me preparava para começar a fazer a chamada e disse:

— Prô, minha mãe comprou um RG pra mim.

Então eu disse:

— Que bom! Você já tirou o seu RG.

Ela retucou:

— Não prô, não é o meu. Minha mãe comprou um pra mim, quer vê?

Eu disse que sim e, ela foi até a mochila e pegou o RG e trouxe para me mostrar.

Ao verificar o RG, percebi que não era o dela e perguntei:

— Quem é essa moça?

— É a Mia da novela Rebelde. E continuou:

— Minha mãe comprou essa e depois vai comprar o RG da Roberta, eu acho que eu me pareço mais com ela.

Alguns dias depois, várias meninas tinham comprado o RG das personagens de Rebelde.

Através da nova mania pelo Rebelde, podemos verificar como a TV através das programações veiculadas pode lança modismo que fazem a cabeça das crianças e jovens.

Observando os comportamentos referentes às manias adquiridas pelos jovens, vemos que vão desde vestuário, linguagem, visual, gestos e gosto por músicas, danças e brinquedos até a maneira de pensar e agir.

Essas manias lançadas pela TV têm o objetivo de levar as crianças e jovens a consumir diversos produtos, ou seja, estimular o consumismo desde muito cedo.

Como são direcionados às crianças e jovens, acabam indo para dentro das salas de aulas. Por isso, existem autores que defendem a tese de que, pais e professores devem ficar atentos e aprender a lidar com os modismos e com isso, tentar tirar proveito da situação para a partir daí, estar preparados para enfrentar outras manias que certamente irá surgir em breve, pois essas manias são na maioria das vezes periódicas.

4.5. PRIMEIRO FILME: O PEQUENO STUART LITTLE

Depois do acordo feito com a turma no qual, não íamos poder vê os dois primeiros filmes por não se adequados para a faixa etária da turma, fizemos nova votação e foram escolhidos outros filmes.

O primeiro escolhido foi “O pequeno Stuart Little”. Esse filme é censura livre e indicado especialmente para criança.

Após a escolha, marcamos o dia que iríamos vê o filme. Ficou combinado que seria na segunda-feira, pois nesse dia não temos aulas com os especialistas e também não temos aula na sala de informática.

Quando chegou o dia de assistir o filme, várias crianças perguntaram ao chegar na escola, se realmente íamos poder assistir o filme, quando eu confirmei e disse que o horário seria após o recreio, ficaram mais calmas, e pela primeira vez desde o começo do ano letivo, não foi preciso chamá-los para entrar na sala, porque ao bater o sinal, todos entraram, sentaram procurando uma boa posição para ver o filme.

Antes de colocar o filme, fiz algumas perguntas relacionadas ao mesmo. Perguntei quem já havia visto o filme, e apenas quatro crianças não haviam visto. Então

eu perguntei por que de tanta expectativa se quase todos já haviam visto. A resposta da maioria foi que o filme era legal e eles queriam assistir novamente.

Continuando a conversa perguntei se algum dos alunos que haviam visto o filme não tinha gostado e todos disseram que gostaram muito e que era super legal.

Após as perguntas eu coloquei o filme e o silêncio foi total todo tempo que estava passando o filme. O silêncio só era quebrado nas demonstrações positivas ou negativas referentes às cenas.

Quando faltavam dez minutos para bater o sinal da saída, eu parei a fita e avisei que não daria para nós terminarmos de assistir até o fim, pois já iria bater o sinal. Para minha surpresa, eles não queriam que eu parasse a fita, pediram para deixa até terminar, mesmo que passasse do horário de sair. Mas eu avisei que tínhamos que sair, pois a 1ª série ia entrar. Então eles pediram para terminar de vê no dia seguinte, eu concordei e prometi passar o que faltava assim que chegássemos na escola.

No dia seguinte, terminamos de assistir o filme como havíamos combinado e ao terminar, todos vibraram com o desenrolar da história como se fosse a primeira vez que estivessem vendo.

O filme tinha como tema principal à adoção de um filho. O filme começa quando um casal vai a uma instituição para adotar um filho e traz para casa um ratinho, o “Stuart Little”, e passam a trata-lo com se fosse uma criança, um filho.

Quando eles terminaram de assistir o filme eu perguntei o que eles acharam do filme. Alguns disseram que gostaram muito que foi legal ter assistido novamente, outro disseram que gostaram, mas não acreditavam na história, que era filme, não era verdade.

Então eu perguntei, o que eles acharam estranho para dizer que só acontecia no filme e, eles responderam que uma família jamais iria adotar um rato, que as pessoas não gostam de rato e que os ratos transmitem doenças graves, por isso, jamais uma pessoa vai levar um ratinho para casa.

Apesar de todos esses argumentos usados pelos alunos que não acreditavam ser possível acontecer tais cenas na vida real, outros alunos usaram argumentos contrários a esses, afirmando que é possível uma pessoa levar ratinhos para casa e que conhecem pessoas que têm ratinhos de estimação, o “hamster”, e que não achavam ser impossível uma família pegar um ratinho para criar.

Analisando esses argumentos podemos perceber que apesar dos alunos da turma estarem na mesma faixa etária, não tem a mesma percepção para o mesmo fato, usando conhecimentos individuais para interpretar uma mesma situação.

4.6. SEGUNDO FILME: BEETHOVEN (O DESENHO)

A segunda escolha foi Beethoven: o desenho. Essa fita é um desenho animado e tem várias histórias onde a personagem principal é um cachorro da raça São Bernardo como o do filme de cinema Beethoven.

A maioria da turma não havia visto o desenho e tiveram várias manifestações espontâneas de risos e às vezes, de raiva, conforme as cenas do filme iam passando.

Muitas vezes a turma ria achando engraçado a cena, mas às vezes, ficavam bravos quando não concordavam com o que mostravam as cenas. Passaram todo o tempo do desenho prestando muita atenção.

Quando terminou o desenho, eu fiz algumas perguntas sobre o desenho. Perguntei se eles tinham gostado das histórias e todos falaram que tinham menos um aluno que disse que só gostava de filmes de luta, briga e tiros. Ele acrescentou que os desenhos são coisas para crianças pequenas como as irmãs dele. Depois perguntei se eles achavam que as histórias do desenho podiam acontecer na realidade e, quatro alunos disseram que sim, que era possível acontecer na vida das pessoas. Já os outros, disseram que era impossível, que aquelas cenas só aconteciam nos filmes e desenhos.

Mas uma aluna argumentou citando a cena que o gato bateu no cachorro e disse que o cachorro dela foi brigar com o gato da vizinha e saiu todo machucado, e acrescentou:

— Cachorro apanha de gato sim, isso aconteceu com o meu.

Outra cena que a maioria disse que não era possível acontecer foi quando o cachorro foi na escola pegar a menina que ficou chorando quando a mãe a deixou, pois não queria ficar na escola.

Também para essa cena teve ponto de vista pós e contra. Uns achavam que era possível acontecer, outros achavam que não que aquilo era coisa de desenho, não era real.

Para o ponto de vista a favor, as crianças usaram os argumentos que conheciam. Sendo assim, algumas crianças disseram que vários cachorros seguem as crianças quando elas vão para a escola e citaram o exemplo que aconteceu na escola, quando os cachorros de algumas crianças vão junto com elas e tentam entrar na escola e que já houve casos que chegaram a entrar na sala atrás do dono ou da dona e só saiu quando foi colocado pra fora pela servente da escola.

Mesmo depois de alguns argumentos usados pelos alunos que acreditam ser possível acontecer na realidade cenas que acontecem nos filme e desenhos, a maioria continuou achando que não era possível.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo pode-se constatar que a programação da televisão exerce influência nas brincadeiras e no comportamento das crianças, no entanto, diante das conclusões das pesquisas vistas neste estudo, referente as possíveis influências da tevê no comportamento violento/agressivo no dia-a-dia das crianças, ficou entendido que, a tevê por si só não exerce total influência no comportamento infantil, que uma série de elementos, ações e necessidades precisam ser levadas em consideração. Que o meio em que a criança está inserida é um fator que contribui para determinados problemas apresentados no comportamento das crianças. Também ficou entendido que a família e a escola podem contribuir muito para atenuar ou até neutralizar os efeitos negativos causados pela mídia, problematizando e discutindo junto às crianças as informações veiculadas na TV.

Martinez Sánchez (1999) concluiu que a comunicação é um processo complexo e que, além do emissor e receptor, existe uma série de elementos e ações, influência e necessidades. Para que haja o processo de comunicação é preciso que o receptor receba e compreenda a mensagem, para isso, o emissor precisa garantir o recebimento da mensagem através do meio.

Entre os tipos de meio de comunicação, o que mais se difundiu e tem causado polêmica sobre o seu impacto na vida das pessoas é a televisão. Por estar integrada na vida da maioria das pessoas, a televisão impõe novos comportamentos. Através das observações realizadas durante as brincadeiras das crianças pode-se verificar que elas reproduzem falas, gestos e comportamento dos personagens dos programas preferidos veiculados pela tevê.

Mas a autora Laura Bastos (2001), concluiu após estudos sobre o comportamento das crianças brasileiras diante da TV que a criança não se encontra desamparada diante da tevê, para ela, a criança desenvolve a capacidade de julgamento e sentido crítico ao receber diversas informações, afirmando que a televisão não oferece risco para a formação da criança e que os danos causados só

ocorrem pelo excesso de tempo destinado a TV. Ela ressalta que o papel da família é importante na orientação e até na seleção das programações que as crianças devem assistir.

Através das respostas coletadas do questionário respondido pelas crianças pode-se constatar que a família tem se preocupado com a possibilidade da TV estar causando danos na formação das crianças. Por isso, elas estão tentando através de proibições e seleções orientar o uso da tevê.

A televisão possui um determinado modelo presente nas suas propostas ideológicas, por isso, surgiu dos órgãos públicos a preocupação em limitar os conteúdos veiculados na mídia, através de legislação e de auto-regulamentação. Para isso, foi criada a Câmara Internacional da UNESCO para Criança e a Violência da Tela com o objetivo de contribuir e efetivar o conhecimento sobre crianças, jovens e a violência na mídia.

Erausquin, Matilla e Vázquez atribuem aos conteúdos televisivos a possível criação de tendência agressiva, o incitamento ao consumo e a imposição de certos valores ideológicos e culturais na formação de crianças e adolescentes. No entanto acreditam ser a escola o caminho para neutralizar essas ocorrências.

Já para Penteadó (2000), a escola faz um trabalho mecânico de união de conhecimento escolar ao conhecimento existencial já a tevê opera com signos e que talvez por isso a escola tem se distanciado da televisão, deixando de usa-la como aliada na educação.

Sendo a televisão o meio de comunicação que está presente na vida das pessoas e em especial das crianças e jovens, e diante das constatações de que a tevê, de uma certa maneira, exerce influência no comportamento das pessoas, através desse estudo podemos verificar que muitos recursos podem ser usados para evitar que essa dependência cause danos na formação das crianças e jovens e por conseqüência na sociedade. Esses recursos vão desde o controle da família no que diz respeito ao tempo exposto à TV e ao tipo de programas assistidos pelas

crianças, vai para a regulamentação das programações veiculadas pelos meios de comunicação exercida pelos órgãos responsáveis que têm como objetivo garantir o direito da criança à informação, e chega a escola que tem como papel educar os jovens e por isso, não pode deixar de empenha seu papel, ou seja, educar para a mídia, formando telespectadores com senso crítico e reflexivo. Por isso, é importante que a escola insira o estudo da mídia no seu planejamento, transformando a mídia num meio que contribua para a formação da criança e jovens.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

- BAPTISTELLA, Éster Cecília Fernandes. **A compreensão do conteúdo de um comercial televisivo na infância**. Campinas: Dissertação – UNICAMP, 2001.
- BARROS NETA, Maria da anunciação Pinheiro. **A Influência da TV na educação de crianças e adolescentes**. Cuiabá: EdUFMT, 2001.
- BELLONI, Maria Luiza. **O que é Mídia – Educação**. Campinas, S.P: Autores Associados, 2001 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).
- BRASIL. Ministério da Educação, SEED. **2 anos da TV Escola – Seminário Internacional**, 1998. Brasília, 1999.
- _____. **SALTO PARA O FUTURO: TV e informática na educação**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998.
- CARLSSON, Ulla e FEILITZEN, Cecília von (orgs.). **A criança e a violência na mídia**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.
- _____. **A criança e a mídia: imagem, educação, participação**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO.
- CARVALHO, Lucimeire. **Estudos referentes às possíveis influências das programações televisivas em crianças de idade pré-escolar**. Campinas: TCC – UNICAMP, 1997.
- DEMO, Pedro. **Questões para a teleducação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- ERAUSQUIN, M Afonso; MATILLA, Luis e VÁSQUEZ Miguel. **Os teledependentes**. São Paulo: Summus, 1983.

- GONÇALVES, Márcia Regina. **A TV na escola: mais que um insumo, uma condição para a cidadania.** TCC-UNICAMP, Campinas, SP, 2004.
- LUDKE, Menga e ANDRÊ, Marli E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão na sala de aula.** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- PENTEADO, Heloísa Dupas. **Televisão e escola: conflito ou cooperação?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- PFROMM NETTO, Samuel. **Telas que ensinam: mídia e aprendizagem do cinema ao computador.** 2. ed. Campinas. SP: Editora Alínea, 2001.
- _____. **Comunicação de massas.** IN: Técnica da Redação, Magda Becker Soares. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S/A 1978, p. 117.
- PORTO, Tânia Maria Esperon. **A televisão na escola... afinal, que pedagogia é esta?** Araraquara: JM Editora, 2000.
- REZENDE, Ana Lúcia M. de. e REZENDE, Nauro Borges de. **A tevê e a criança que te vê.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- SÂNCHEZ, Martinez Francisco. **Os meios de comunicação e a Sociedade.** IN: Mediamente! Televisão, Cultura e Educação. Brasília. Ministério da Educação, SEED, 1999.
- TIZZEI, Paula Pondian. **A televisão no cotidiano escolar: um recurso pedagógico e um objeto de estudo.** TCC-UNICAMP. Campinas, SP, 2004.

ANEXO

Versão do questionário elaborado sobre o tema estudado, que foi respondido pelas crianças da turma.

1. Você costuma assistir televisão?
2. Aproximadamente, quantas horas por dia você assiste televisão?
3. Seus pais deixam você assistir quaisquer programas ou costuma proibir alguns? Se seus pais proíbem, quais?
4. Que influência os programas de televisão exercem em você?
5. Seus pais costumam assistir televisão com você?
6. Que tipo de programa vocês assistem juntos?
7. Seus pais falam se o programa é bom ou ruim para você?
8. Você acha que a televisão ensina coisas para vocês crianças? O quê?
9. Agora, imagine que a energia acabou. O que você poderia fazer nesses horários que assistia TV?
10. Quais os programas que você mais gosta de assistir na televisão?
11. Que influência os comerciais exercem em você?

